

ENSINADOR PARALELO: ALICERCES PARA UMA PEDAGOGIA NOVA

DIANA SANTOS E ALBERTO SIMÕES

ABSTRACT

After outlining some of Belinda Maia’s main ideas of how to use comparable corpora in translation teaching and learning, we present a new translator training tool: Ensinador Paralelo. It is an extension of Ensinador, originally developed for use with monolingual corpora (Simões & Santos 2011). This new tool produces exercises based on translations (previously done by professional translators or students, as we will see).

In order to make the text more interesting to Belinda Maia we also study critically four translations of Lewis Carroll’s children books.

[1] INTRODUÇÃO

Como professora de tradução, terminologia e de língua inglesa para portugueses, Belinda Maia sempre insistiu na primazia pedagógica dos corpos comparáveis em detrimento dos paralelos, não obstante a fama e a moda que estes últimos obtiveram a partir dos anos 90. Daí a sua variada produção científica em prol dos mesmos, como pode ser apreciado em Maia (2003c,b,a, 2006a); Maia et al. (2005a).

Por questões práticas — corpos comparáveis necessitam de um ambiente para corpos monolíngues — acabou por ser conhecida e reconhecida pela conceção do Corpógrafo (Maia & Sarmiento 2003a, 2005; Maia et al. 2005c; Maia 2008d), que desde sempre foi sonhado como o ambiente para estudar corpos comparáveis, embora nunca (ou apenas bastante mais tarde) se tenha chegado a implementar as funções exatamente associadas à “comparabilidade” (Maia & Matos 2008). De facto, o Corpógrafo ao longo dos anos tornou-se um sistema poderoso e robusto e as suas vertentes de motor terminológico ou mesmo ontológico foram tomando a primazia (Oliveira et al. 2005; Sarmiento et al. 2007; Matos & Maia 2008).

Contudo, o próprio Corpógrafo foi expandido para também incorporar corpos paralelos, como Matos et al. (2008) testemunha.

Mas nós estamos conscientes de que, com a moda dos corpos paralelos, Belinda Maia sempre tentou equilibrar o fiel da balança para que os alunos (e tradutores) pudessem apreciar questões de estrutura textual, modos de expressão, que, devidos à camisa de forças de uma tradução, sobretudo literária, não apareceriam com tanta força no lado traduzido.

Pois um dos problemas — e cavalos de batalha da Belinda como tecnóloga da língua — era contrabalançar o paradigma da tradução literária com todas as outras formas de tradução, para a qual ela conscienciosa e apaixonadamente treinava os alunos. E não é preciso ser linguista ou literato para saber que existem muitíssimo menos textos (bem) traduzidos não-literários em corpos paralelos. Além disso, e com o advento das ferramentas de tradução automática, vocacionadas e treinadas sobretudo para a tradução técnica, pareceu à Belinda que a familiarização dos alunos com tais ferramentas era fundamental, e que seria mais vantajoso treinar tradutores que colaborassem com “a máquina” (como a Belinda diz) do que a ignorassem ou temessem.

Com isto tudo, um leitor que não conhecesse a Belinda não acharia natural escrever um artigo em honra dela sobre (mais!) um sistema para corpos paralelos. Contudo, temos duas razões para o fazer:

- A Belinda sempre foi uma colega maravilhosa, capaz de apreciar tudo e de se entusiasmar e ajudar em qualquer projeto, mesmo que fosse completamente fora do domínio das suas múltiplas tarefas: por exemplo, lembramos do seu entusiasmo perante a infraestrutura do Museu da Pessoa, uma vez que foi ao Minho.
- É um sistema prático que foi pensado para o ensino, e nesse aspeto pode ser mais útil e mais do agrado da Belinda do que o COMPARA ([Frankenberg-Garcia & Santos 2002](#)) e o CorTrad ([Teixeira et al. 2012](#)), que não foram inicialmente desenhados para ensinar e que tinham, ou têm, outras aspirações.

Esperamos pois, com a descrição do sistema e das suas aplicações ou mesmo ferramentas de apoio ao ensino, ajudar a convencer a Belinda de que, pelo menos nesta vertente, também pode ser útil usar corpos paralelos no ensino, daí a “pedagogia nova” no título desta contribuição.

Não que ela não esteja já ou mesmo sempre convencida disso; a luta dela era por ir mais além, e dar mais espaço e importância aos corpos comparáveis.

Para que seja mais fácil convencê-la da utilidade da ferramenta ou, quem sabe, para ainda piorar o efeito, no resto do artigo iremos tentar ilustrar as capacidades pedagógicas do Ensinador e de corpos paralelos multi-tradução...usando corpos literários.

[2] O ENSINADOR PARALELO

A ideia, aliás já há muito descrita para o par inglês-português ([Frankenberg-Garcia 1998, 1999b,a](#)), só foi implementada depois de termos, na Linguateca, desenvolvido o Ensinador ([Simões & Santos 2011](#)) para criar exercícios gramaticais sobre corpos monolíngues.

Mas com o envolvimento de ambos os autores em cada vez mais novos corpos paralelos, como mostraremos no que se segue, pareceu chegada a altura de expandir a ideia, e a funcionalidade, para os muitos casos já existentes.

Ao contrário do Ensinador, que foi pensado para se apoiar exclusivamente sobre os corpos do AC/DC— dado o seu tamanho e abrangência, não parecia necessário ainda usar mais material—, o ParaEnsinador (nome do ensinador para corpos paralelos) pretende poder ser usado pelo menos sobre os corpos da Linguateca e sobre os corpos do Per-fide (Araújo et al. 2010). Isto obrigou-nos a ter mais cuidado na sua implementação, de modo a permitir a sua fácil instalação em diferentes sistemas, assim como a possibilidade de configuração, para poder lidar com vários corpos, línguas e diferentes formas de codificação e anotação.

[2.1] Implementação

Embora o ParaEnsinador não tenha grandes novidades em termos de implementação em relação ao Ensinador monolíngue, parece-nos importante realçar, neste documento, a sua tecnologia de base.

Tal como para o Ensinador, os corpos usados pelo ParaEnsinador devem estar, naturalmente, codificados em Open Corpus Workbench (OCWB)¹. Tendo o OCWB suporte para corpos paralelos, o ParaEnsinador baseia-se nessa informação para realizar pesquisas paralelas.

Assim, para que um corpo paralelo possa ser usado pelo ParaEnsinador é necessário que cada uma das línguas seja codificada de forma independente no OCWB, seguida da importação de dados de alinhamento (que indicam, para cada segmento de uma língua qual o segmento da língua de destino que lhe corresponde)².

A interface Web é implementada usando o módulo Perl *Dancer*³ que pode funcionar sob um qualquer servidor Web, desde Apache a Starman.

A interligação entre a interface Web e o OCWB é realizada usando o módulo CWB: :CQP: :More⁴ que, recentemente, recebeu uma atualização para corpos paralelos.

Para que fosse possível a geração de diferentes tipos de exercícios foi necessário alterar a sintaxe pré-definida usada pelo *Corpus Query Processor* do OCWB, adicionando-lhe alguns atributos extra.

As alterações à sintaxe do OCWB são detalhadas na próxima secção, junta-

[1] Ver <http://cwb.sourceforge.net/>.

[2] Alguns investigadores têm usado ficheiros em formato TMX (*Translation Memory eXchange*) para armazenar os seus corpos paralelos. Uma TMX pode ser importada facilmente para o OCWB usando a ferramenta `tmx2cwb` do módulo Perl XML: :TMX: :CWB — <http://metacpan.org/release/XML-TMX-CWB>.

[3] Ver <http://metacpan.org/release/Dancer2>.

[4] Ver <http://metacpan.org/release/CWB-CQP-More>.

mente com alguns exemplos do seu uso⁵.

Embora o ParaEnsinador esteja, atualmente, funcional, a verdade é que ainda lhe faltam várias propriedades do Ensinador original. E, para além dessas funcionalidades em falta, também existem muitas ideias de como tornar esta ferramenta mais útil, nomeadamente a realização de exercícios validados automaticamente ou de escolha múltipla (apresentando, por exemplo, diferentes formas geradas usando um gerador morfológico, ou um dicionário bilingue).

[2.2] Exemplos de uso

Passamos a ilustrar o que se pode fazer. Mas, antes, chamamos a atenção de que esta é uma ferramenta para o professor, não para ser usada diretamente pelo aluno (de tradução ou de língua). Nesse aspeto, tal como o Ensinador, difere essencialmente dos sistemas Trivial Corpus Pursuit (Ebeling 2006) e Oslo Interactive English (Ebeling 2009), que são pensados para o utilizador final.

Um primeiro exemplo muito simples dá-nos casos de tradução da palavra *admirar* para inglês, no CorTrad jornalístico – para mais informações sobre este corpo, veja-se Santos et al. (2012); para a razão do interesse pela palavra *admirar*, veja-se Santos & Mota (2015a).

The screenshot shows the 'Ensinador Paralelo' interface. At the top, there is a blue header with the title 'Ensinador Paralelo'. Below the header, the section 'Iniciar Exercício Paralelo' is displayed. The interface contains a numbered list of steps: 1. 'Escolha um corpo paralelo:' with a dropdown menu showing 'Alice1'; 2. 'Indique língua para exercício:' with a dropdown menu showing 'Português'; 3. 'Introduza expressões de Pesquisa:' with two input fields. The first field is labeled 'Português' and contains the text '[lema="admirar"]'. The second field is labeled 'Inglês' and is empty. 4. A button labeled 'Procurar!' is located below the input fields.

FIGURA 1: Procura do lema *admirar* para escolher concordâncias paralelas.

Na figura 2, mostramos o resultado de uma procura para escolher entre as traduções *pedir* e *perguntar* do verbo inglês *ask*. Como esperamos que seja evidente

[5] Convém realçar que, infelizmente, neste momento ainda não foi possível tornar a linguagem de pesquisa flexível suficiente para as duas línguas do corpo paralelo. Assim, o utilizador terá de escolher uma língua para a qual a sintaxe estendida deva ser usada, enquanto que para a outra língua só poderá usar expressões de pesquisa do OCWB.

Espera-se que, no futuro, ou através da incorporação de algumas funcionalidades extra de pesquisa do lado do OCWB, ou através de alguma solução intermédia, se possa vir a ter a linguagem estendida para ambas as línguas.

para um leitor conhecedor do fenómeno da vagueza contrastiva, *ask* é vago entre o que em português se tem de especificar como ato de fala (pedido de informação) (*perguntar*), ou pedido de ação ou objeto (*pedir*). Mas só quem contata diretamente com falantes de português língua estrangeira de línguas germânicas que tenham verbos vagos a esse respeito pode ter a noção de que não é óbvia a escolha de qual verbo utilizar, e que por isso vale a pena fazer este tipo de exercícios para tornar o aprendiz mais consciente dos diferentes casos.

Ensinador Paralelo		Linguateca
Expressão de pesquisa: [tema= perguntar pedir] : tema		
[Guardar]		
« Quería saber se vou passar direto , através da Terra ! Seria engraçado se eu saísse no meio das pessoas que andam de cabeça para baixo ! Os Antipáticos , eu acho ... » (estava muito feliz que dessa vez não havia ninguém escutando , porque aquela não lhe pareceu a palavra correta) * ... mas eu vou ter de perguntar qual o nome do país , é claro . Por favor , minha senhora , aqui é a Nova Zelândia ou é a Austrália ? * (e tentou fazer uma mesura enquanto falava – imaginem , fazer uma mesura enquanto se está caindo ! Vocês conseguiriam ?)	<input type="checkbox"/>	« I wonder if I shall fall right <i>through</i> the earth ! How funny it'll seem to come out among the people that walk with their heads downwards ! The antipathies , I think ... » (she was rather glad there was no one listening , this time , as it didn't sound at all the right word) * ... but I shall have to ask them what the name of the country is , you know . Please , Ma ' am , is this New Zealand or Australia ? * (and she tried to curtsy as she spoke ... fancy , <i>curtseying</i> as you're falling through the air ! Do you think you could manage it ?)
« E que menina ignorante ela vai pensar que eu sou , por perguntar isso ! Não , melhor não perguntar nada : quem sabe eu veja escrito em algum lugar . »	<input type="checkbox"/>	« And what an ignorant little girl she'll think me for asking ! No , it'll never do to ask : perhaps I shall see it written up somewhere . »
« E que menina ignorante ela vai pensar que eu sou , por perguntar isso ! Não , melhor não perguntar nada : quem sabe eu veja escrito em algum lugar . »	<input type="checkbox"/>	« And what an ignorant little girl she'll think me for asking ! No , it'll never do to ask : perhaps I shall see it written up somewhere . »
Alice estava tão desesperada que pediria ajuda para qualquer um : assim , quando o Coelho passou por ela , começou a falar , em voz baixa e tímida : « Por favor , senhor ... »	<input type="checkbox"/>	Alice felt so desperate that she was ready to ask help of any one ; so , when the Rabbit came near her , she began , in a low , timid voice , « If you please , Sir »
« Tem um cachorrinho tão bonito perto de nossa casa , queria que você o conhecesse ! Um pequenino terrier com olhos brilhantes , sabe , e com um longo pêlo castanho encaracolado ! Ele vai buscar tudo o que atramos para ele , sabe sentar-se e pedir sua refeição e tantas outras coisas – não me lembro agora nem da metade ... Pertence a um fazendeiro , sabe ? Ele diz que o cãozinho é muito útil e que custou bem caro ! Diz que ele pega gatos e ratos – oh , meu Deus ! » gritou Alice num tom desesperado . « Temo que o tenha ofendido de novo ! »	<input type="checkbox"/>	« There is such a nice little dog near our house I should like to show you ! A little bright-eyed terrier , you know , with oh , such long curly brown hair ! And it'll fetch things when you throw them , and it'll sit up and beg for its dinner , and all sorts of things ... I can't remember half of them ... and it belongs to a farmer , you know , and he says it's so useful , it's worth a hundred pounds ! He says it kills all the rats and ... oh dear ! » cried Alice in a sorrowful tone , « I'm afraid I've offended it again ! »
« Achando o quê ? » perguntou o Pato .	<input type="checkbox"/>	« Found <i>what</i> » said the Duck .

FIGURA 2: Resultado da procura de casos com *pedir* e com *perguntar*.

Pode-se depois escolher os casos que queremos usar na construção de exercícios, como se vê na figura 3.

Em relação à sintaxe de procura, explicamo-la na Tabela 1, sobretudo visto que o artigo inicial sobre o Ensinador ainda não apresenta todas as funcionalidades que foram sendo desenvolvidas e criadas.

~	significa manter no enunciado
.NOME	indica a classificação (atributo CQP, por exemplo <i>1ema</i> ou <i>pessnum</i>) que se mostra para o aluno poder fazer o exercício

TABELA 1: Informação sobre extensões à sintaxe do OCWB

A figura 4 exemplifica o resultado final: o enunciado de um exercício muito simples dedicado à exploração das possíveis traduções da palavra inglesa *ball*, apenas para tornar claro o tipo de exercícios contrastivos aqui em jogo.

perguntar ! Não , não vou perguntar nunca . Talvez eu possa ver o nome escrito em algum lugar . " --		
Alice sentia-se tão desesperada que estava pronta para pedir ajuda a qualquer um : então , quando o Coelho chegou perto dela , a menina começou com uma voz baixa , tímida : « Por favor , Senhor ... »	<input checked="" type="checkbox"/>	Alice felt so desperate that she was ready to ask help of any one ; so , when the Rabbit came near her , she began , in a low , timid voice , « If you please , Sir »
Entretanto , quando eles já estavam correndo há mais ou menos meia-hora , e já estavam quase secos , o Dodo repentinamente gritou : « A corrida está acabada » . Então , todos se aglomeraram em torno dele , ofegando e perguntando : « Mas quem ganhou ? »	<input checked="" type="checkbox"/>	However , when they had been running half an hour or so , and were quite dry again , the Dodo suddenly called out « The race is over ! » and they all crowded round it , panting , and asking « But who has won ? »
« Mas quem dará os prêmios ? » , um coro de vozes perguntou .	<input type="checkbox"/>	« But who is to give the prizes ? » quite a chorus of voices asked .
« De que tamanho você quer ser ? » , ela perguntou .	<input type="checkbox"/>	« What size do you want to be ? » it asked .
« Como eu posso entrar ? » , perguntou mais uma vez Alice , mais alto ainda .	<input type="checkbox"/>	« How am I to get in ? » asked Alice again , in a louder tone .
« Eu quase esqueci de perguntar . »	<input type="checkbox"/>	« I'd nearly forgotten to ask . »
« É assim que você faz ? » , perguntou Alice .	<input type="checkbox"/>	« Is that the way <i>you</i> manage ? » Alice asked .
« E desde então » , o Chapeleiro continuou num tom de lamentação , « ele não faz nada o que eu peço ! E sempre seis da tarde agora ! »	<input type="checkbox"/>	« And ever since that » , the Hatter went on in a mournful tone , « he won't do a thing I ask ! It's always six o'clock now . »
« Esta é a razão de tantas coisas para o chá colocadas na mesa ? » ela perguntou .	<input type="checkbox"/>	« Is that the reason so many tea-things are put out here ? » she asked .
« Mas o que acontece quando vocês chegam ao início outra vez ? » , Alice aventurou-se a perguntar .	<input checked="" type="checkbox"/>	« But what happens when you come to the beginning again ? » , Alice ventured to ask .
« Quem está fazendo observações pessoais agora ? » , o	<input type="checkbox"/>	« Who's making personal remarks now ? » the Hatter asked

FIGURA 3: A interface de escolha das unidades de tradução a reter

O estudante teria de puxar pela cabeça para escolher livremente qual a melhor palavra em português, ou – no caso de alunos menos avançados – para efetuar uma escolha entre *bola*, *carretel*, *bolo* e *engrenagem*. Note-se que este exercício foi feito com base nos textos do CorTrad literário, tradução de contos em inglês australiano e canadiano para português do Brasil.

[3] ALIÇADAS

O texto de Lewis Carroll *Alice in Wonderland* (Carroll 1865), assim como a seqüela *Through the Looking-Glass, and What Alice Found There* (Carroll 1871), é um clássico da literatura britânica e mundial, e além disso um livro de culto até aos nossos dias. Belinda Maia não esconde o seu entusiasmo por ele, demonstrado pela sua invocação em lides académicas, como em Maia (2008a) por ocasião dos dez anos da Linguateca. Mas encontra-se em boa companhia: Com efeito, há outros textos na área da tradução que também invocam, embora de maneira diferente, a genialidade deste matemático-escritor, como é o caso de Chesterman (1998, págs. 5–6). Também um dos principais sociólogos portugueses, de renome mundial, escolheu mais uma vez estes livros (ou a sua personagem principal) para denominar vários dos seus projetos: veja-se Santos (1994) e o projeto aludido em Santos (2014c).

Após termos escrito este artigo, descobrimos que já havia pelo menos dois artigos escritos com base nestes mesmos textos, analisando, felizmente, outras questões (Silva & Fromm 2011, 2012). Além disso, a versão inglesa tem sido usada em vários livros e artigos de estatística, como é o caso de Baayen (2008), ou simplesmente como referência ou citação em tudo o que possa ter algo a ver com

Ensinador Paralelo		Linguateca
The curious part of it was : as Titina fished in her bag for a cigarette , and fiddled with the stunning little English lighter , and a ball of incalculable notes fell out on the marble table-top . I had become the awkward thing of flesh Titina Stavridi used to be .	O curioso disso tudo foi que , enquanto Titina revirava sua bolsa à procura de um cigarro e mexia nervosamente no formidável isqueirinho britânico , um _____ incalculável de notas caiu sobre a mesa de mármore , e então eu é que passei a ser a criatura desajeitada que Titina costumava ser .	
I saw my father ball his handkerchief up and bite on it to muffle his sobs and I left him there and ran through the house and up to the woodpile where I shattered great blocks of she-oak until it was dark and my arms gave out .	Vi o meu pai _____ com o lenço e mordê-lo para abafar os soluços , deixei-o lá e corri pela casa até o monte de lenha , onde fiquei estilhaçando grandes toras de carvalho até anoitecer e meus braços não agüentarem mais .	
I shouted to find myself holding a ball of live water . (ball)	Gritei e me vi segurando uma _____ de água natural .	
Darlene passed but the damage was done , Sondra's head went round like it was on ball bearings and she said , « What fantasies ?	Darlene passou , mas o estrago já estava feito ; Sondra girou a cabeça como se estivesse sobre uma _____ e disse : - Quais fantasias ?	
Six packages of cigarettes , some legal-size envelopes , two Dinky-toys , a long-playing record , two parcels of secondhand books , and the lightest of his burdens and the unhandiest , the kite he had bought for Deedee , two flimsy wooden sticks rolled up in red plastic film , and a ball of cheap thin string - not enough , by the look of it , if he should ever get the thing into the air .	Seis pacotes de cigarros , alguns envelopes do tamanho ofício , dois brinquedinhos , um disco , dois pacotes de livros de segunda mão , e o mais leve e mais incômodo de seus fardos : o papagaio que havia comprado para Deedee , duas frágeis varetas de madeira enroladas num filme plástico vermelho e um _____ de linha fina e barata -- insuficiente , pelo jeito , se um dia conseguisse lançar a coisa no ar .	
said Deedee , holding up the kite and allowing the ball of string to roll down the hall .	-- perguntou Deedee , apontando para o papagaio e deixando o _____ de linha rolar pelo corredor .	

FIGURA 4: Um exercício sobre possíveis traduções de *ball*

matemática⁶. Citamos também a versão anotada por Gardner (1960), um clássico de interpretações matemáticas e xadrezísticas, e mesmo uma análise das personagens de Alice como rede social (Agarwal et al. 2012).

Por um lado, isto torna a nossa tentativa aparentemente bastante pretensiosa, ao tentarmos ombrear com tais sumidades na interpretação ou uso da Alice. Mas, por outro lado, convém chamar a atenção para que o nosso campo de atuação, pelo menos no presente artigo, tem a ver com o ensino – de português ou de inglês, a universitários com ainda menos referências literárias do que nós (e que possivelmente apenas conhecem a Alice do Walt Disney). Por isso, esperamos conseguir ainda encontrar alguns ângulos interessantes, contrastivos, de como explorar um corpo de traduções “pela mão da Alice”, e por inspiração da Belinda.

Mais concretamente, temos ao nosso dispor, através de trabalho recente no CorTrad, quatro traduções diferentes dos livros de Lewis Carroll⁷.

Através da inspeção deste corpo multitradições, tentaremos indicar como os tradutores conseguiram (ou não) passar as ambiguidades e os jogos de palavras de Carroll para o português. Ao mesmo tempo chamaremos a atenção para alguns erros de palmatória que são provavelmente resultado da pouca atenção e cuidado que a literatura infantil, e a literatura traduzida, têm ou tinham em geral. Se isso é especialmente apontado sobre o Brasil por Wyler (2003), a mesma observação foi feita sobre as traduções portuguesas de literatura infantil por Santos (1997).⁸

[6] A biografia de Alan Turing (Hodges 1983) está cheia de alusões, e mesmo livros de ensino a nível universitário na Noruega (Borge 2008).

[7] Ver <http://dinis.linguateca.pt/dispara/CorTrad/AutoresTradutoresCorTradlit.php#alice> para informação detalhada sobre elas.

[8] Os erros de tradução não foram encontrados de forma sistemática, mas sim através da nossa interação diária com o corpo. Este artigo não pretende apresentar uma metodologia de deteção ou quantificação de problemas, limita-se a notar que uma análise em paralelo permite identificar muitos problemas.

Vejamos alguns casos flagrantes de erros de tradução encontrados⁹.

[3.1] *A tradução de likely*

Considerem-se as seguintes traduções de *likely*:

- (1) «A **likely** story indeed!» said the Pigeon, in a tone of the deepest contempt.
«Uma **bela** história, de fato!» disse a Pomba com o mais profundo desprezo.
«Uma história **promissora**, certamente», disse a Pomba, com um tom do mais profundo desprezo.
- (2) Just then she noticed that the Queen was close behind her, listening: so she went on «**likely to win**, that it's hardly worth while finishing the game.»
Justo neste momento, notou que a Rainha estava atrás dela, ouvindo tudo. Daí continuou: «... **competente no jogo**, que nem sei se vale a pena ir até o final da partida.»
Exatamente neste instante ela percebeu que a Rainha estava bem ao seu lado, ouvindo, «... **boa nesse jogo** que vai ser muito difícil chegar ao final da partida.»

No primeiro caso, não conseguimos encontrar uma boa explicação para não usar os termos *provável* ou *credível*, excetuando o possível desconhecimento destes termos da parte das crianças brasileiras da época. No segundo, podemos aventar a seguinte explicação: colocar um adjetivo positivo a seguir a *ela é* exprime a maneira de Alice sair da situação complicada em que se encontrava. Existe, contudo, em português uma forma semelhante ao inglês (adjetivo que pede completiva infinitiva) que daria exatamente o mesmo resultado: *capaz de*, além de ser mais fiel ao texto original.

Outro comentário é que ambos os tradutores, embora em teoria independentes, tomaram as mesmas decisões, o que leva a suspeitar de que a segunda tradução se “inspirou” na primeira – e lhe absorveu os erros ou escolhas menos felizes.

[3.2] *A tradução de English*

O outro caso que queremos salientar – e que revela uma crassa falta de adaptabilidade ao público alvo, neste caso crianças brasileiras ou simplesmente falantes de português, é o nome da língua não ter sido substituído pela língua em que a história é (re)contada, o português.

- (3) «Perhaps it doesn't understand English,» thought Alice.
«Talvez ele não entenda inglês», pensou Alice.
«Talvez ele não entenda inglês», pensou Alice.

[9] Pode parecer contraditório que exemplifiquemos erros de tradução em vez de traduções perfeitas, mas lembremos que o Ensinador Paralelo é para ser usado por professores, que podem ter um fito pedagógico precisamente na exposição de problemas.

Este é um caso que não é raro mas cuja importância, sobretudo num contexto didático, nunca é demais salientar.

Vamos agora observar alguns casos de jogos lógico-matemáticos célebres dos livros de Carroll.

[3.3] *I mean what I say*

Um dos trocadilhos mais célebres de todo o mundo da Alice tem que ver com a troca dos verbos *mean* e *say* e o uso convencional da expressão inglesa *I mean what I say*, num sentido que se pode exprimir em português como *Estou a falar a sério*, como é o caso da segunda ocorrência, em (5).

- (4) «Then you should say what you mean,» the March Hare went on. «I do,» Alice hastily replied; «at least... at least I mean what I say... that's the same thing, you know.»
 «Então você deve dizer o que pensa», continuou a Lebre de Março. «Eu digo o que penso», Alice apressou-se em dizer, «ou, pelo menos... pelo menos eu penso o que digo... é a mesma coisa, não é?»
 «Então você pode dizer o que acha», a Lebre de Março continuou. «E vou», Alice replicou rapidamente, «pelo menos-pelo menos, eu acho o que digo – o que é a mesma coisa, você sabe.»
- (5) «I mean what I say,» the Mock Turtle replied, in an offended tone.
 «Quero dizer o que disse», respondeu a Falsa Tartaruga em tom ofendido.
 «Eu quero dizer o que disse», a Falsa Tartaruga replicou em um tom ofendido.

Mean é um verbo inglês notoriamente difícil de traduzir. A sua tradução padrão, *querer dizer*, é mais apropriada à descrição de factos ou palavras do que a um emprego na primeira pessoa, em que traduções como *achar* são igualmente possíveis. Já nos referimos ao caso (5), em que a (mesma) tradução escolhida não nos parece idiomática. Quanto ao caso (4), ambos os tradutores mantiveram a troca lexical dos dois verbos e conseguiram, na nossa opinião, o mesmo efeito no português, mas um usou *achar* e o outro *pensar*.

No que se refere ao ato de fala, é interessante reparar que, enquanto o primeiro tradutor interpreta – corretamente, na nossa opinião – a fala da Lebre de Março como uma admoestação, o segundo transforma-a num conselho para o futuro, ou uma autorização para as futuras falas de Alice.

Um caso em que não só ambas as traduções diferem como nenhuma delas parece transmitir o sentido original é a frase (6).

- (6) «That’s a great deal to make one word mean,» Alice said in a thoughtful tone.
 «– Uma grande coisa fazer uma palavra significar o que a gente quer!» murmurou Alice pensativamente.
 «– Isto é fazer uma só palavra exprimir muita coisa – » disse Alice num tom de voz duvidoso.

Aproveitamos este exemplo para também realçar aquilo que já foi mencionado antes por vários investigadores (veja-se, por exemplo, [Caldas-Coulthard \(1996\)](#)): o português tem consideravelmente maior riqueza no que se refere aos verbos de expressão, comparada com o quase monopólio do *say* inglês. Temos pois *murmurar* neste exemplo, e muitos outros são traduções de *say* nestes textos. Por outro lado, a dificuldade em converter o discurso direto inglês, misturando por exemplo as convenções das duas línguas, também é notório em (6), complexidade essa discutida e exemplificada por [Santos \(1998b\)](#).

Antes de deixar a questão do sentido, fulcral na linguística, vejamos a célebre sentença de Humpty Dumpty e como foi atacada pelos dois (novos¹⁰ tradutores.

- (7) «When I use a word», Humpty Dumpty said, in rather a scornful tone, «it means just what I choose it to mean... neither more nor less.»
 «– Quando eu use uma palavra», replicou Humpty com superioridade, «ela significa o que eu quero que signifique – e nada mais.»
 «– Quando uso uma palavra – » disse o Gorducho em tom desdenhoso -- ela passa a ter o sentido que eu escolher, entendeu?»

Repare-se que, neste caso, a tradução dos nomes próprios foi diferente, tendo a segunda tido o cuidado de escolher uma palavra mais apropriada à língua de destino, mas perdendo na nossa opinião a graça do nome inglês. Neste caso a primeira tradução é rigidamente colada ao texto fonte, enquanto a segunda tem a preocupação de falar como se fala na oralidade, e parece-nos bem mais conseguida. No entanto, adiciona a informação de que as palavras “passam” a ter outro sentido, quando o Gorducho (ou Humpty Dumpty) apenas diz, taxativamente, que “tem” esse sentido.

Terminamos por um caso, o (8), em que os tradutores discordam na sua interpretação, mas produzem ambas frases pouco inteligíveis.

- (8) «What does it mean?»
 «Que quer significar?»
 «– Que significa ele?»

[10] Os exemplos que se seguem referem-se ao segundo livro de Carroll, que foi traduzido por dois tradutores diferentes dos que traduziram o primeiro, e que são os que temos estado a analisar até agora.

[3.4] *Negação inesperada e outras não-palavras*

Outros casos de criatividade linguística nas Alices são a negação de palavras cujo sentido não parece aceitar uma negação. Como a estranheza será a mesma em português, tal não parece causar problemas aos tradutores.

- (9) «They gave it me,» Humpty Dumpty continued thoughtfully as he crossed one knee over the other and clasped his hands round it, «they gave it me... for an **un-birthday** present.»

«- eles me deram esta gravata como presente de **in-aniversário**» continuou Humpty amável, montando uma perna sobre a outra e cruzando as mãos em torno ao joelho.

Gorducho cruzou um joelho sobre o outro, uniu as mãos em torno deles e continuou pensativo: «- Foi um presente de **não-aniversário**...»

Mais complicado é quando as novas palavras dependem de semelhança fonética, como em (10), que se poderá de facto considerar intraduzível.

- (10) Un-dish-cover the fish, or dishcover the riddle?

Pergunta: o que é mais fácil fazer? destampar a sopeira ou... pedir peixe assado?»

«- Pois agora, mate essa: É mais fácil descobrir a travessa? Ou a charada?»

Enquanto o primeiro tradutor produz algo sem pés nem cabeça, e que não pode deixar de ser interpretado pelo leitor como perfeito disparate, o segundo consegue transmitir pelo menos parte da graça, ao usar o mesmo verbo *descobrir* em dois sentidos diferentes, embora tenha perdido a parte da negação e da pronúncia não padrão.

Em (11) temos outro exemplo de um neologismo negativo – que hoje em dia é usado em inglês corrente – ao contrário da tradução portuguesa aqui proposta, que continua cómica.

- (11) « **un important**, your Majesty means, of course,» he said, in a very respectful tone, but frowning and making faces at him as he spoke.

«**Desimportante** é o que Vossa Majestade quer dizer, é claro», disse em tom muito respeitoso, embora franzindo as sobrancelhas e fazendo caretas enquanto falava.

«**Desimportante**, é o que Vossa Majestade quer dizer, claro», ele disse, em um tom respeitoso, mas franzindo o cenho e fazendo caretas.

[3.5] *Outras surpresas e enigmas*

Outra das habilidades carrollianas é violar o que os linguistas computacionais chamam “restrições de seleção”, ou seja, aplicar verbos ou substantivos a argumentos inesperados. Veja-se o exemplo (12).

- (12) «That's just what I complain of! You should have meant! What do you suppose is the use of a child without any meaning? Even a joke should have some meaning... and a child's more important than a joke, I hope. You couldn't deny that, even if you tried with both hands.»
 «É o que me aborrece. Você vive julgando. Onde se viu uma simples criança julgar? Isso é bom para os juízes.»
 «– Pois isto é o pior! Você deveria ter a intenção! De que serve uma menina sem intenções? Até um passarinho que abre as asas tem intenção de voar; uma menina deve ter muito mais intenções que um passarinho! Você não pode negar isso, nem que tente com as duas mãos!»

Neste exemplo, mais uma vez difícil de traduzir para português dados os dois sentidos de *meaning* usados (aliás, note-se que cada tradutor escolheu uma alternativa diferente), o primeiro tradutor escolhe dizer algo que é completamente contraditório com o sentido original, criticando que uma criança julgue¹¹, enquanto o segundo mantém o sentido de reprovação por a criança não ter intenções/opiniões, mas substitui a comparação de uma criança com uma piada (uma comparação que só faz sentido se se traduzir *meaning* por *sentido*, claro) pela introdução espúria de um passarinho com o qual compara uma criança.

A segunda comparação inesperada no mesmo trecho, nomeadamente tentar negar algo com ambas as mãos, é mantida satisfatoriamente pelo segundo tradutor, mas omitida completamente pelo primeiro.

Acabamos este artigo, que poderia continuar quase indefinidamente, com a discussão da adivinha que motiva uma discussão filosófica sobre semelhança em [Chesterman \(1998\)](#)¹²:

- (13) The Hatter opened his eyes very wide on hearing this; but all he said was «Why is a raven like a writing-desk?»
 O Chapeleiro arregalou os olhos ao ouvir isso, mas tudo o que disse foi: «Por que um corvo se parece com uma escrivãzinha?»
 O Chapeleiro arregalou os olhos ao ouvir isso, mas, tudo que ele disse foi: «Por que um corvo se parece com uma escrivãzinha?»

A tradução escolhida foi literal – claramente, a palavra *secretária* foi preterida devido a ser uma palavra ambígua entre uma profissão e uma peça de mobiliário – e praticamente igual nos dois casos (apenas uma vírgula e um pronome pessoal a mais no segundo), o que mostra sem sombra de dúvida que os tradutores não se preocuparam em resolver ou compreender a adivinha. Passaram-na simples-

[11] É de tal maneira estranho que podemos até imaginar que a censura na altura vogente no Brasil tenha algo a ver com isto.

[12] Uma possibilidade de tentar compreender a adivinha seria comparar a sua tradução nas várias línguas e pelo menos tentar ver se algum tradutor teria chegado a uma resposta satisfatória. Chesterman, contudo, não faz nem sequer propõe fazer isso.

mente igualmente opaca para a língua de destino – provavelmente tornando a sua resolução impossível.

Poder-se-á argumentar que o objetivo desta adivinha é precisamente ilustrar perguntas sem sentido, e nesse caso uma tradução literal que não introduza outros problemas é igualmente disparatada e capaz de produzir a mesma situação de confusão na mente do leitor. Mas, por outro lado, a palavra *like* não é de forma alguma neutra, e *parecer-se com* é apenas uma das suas interpretações. Ou seja, *He is like me* ou *What is he like?* seriam traduzidos por *Ele é como eu* e por *Como é que ele é?*, e não fariam qualquer referência a parencenas, mas sim a essências.

Isto chama à baila a questão da conformidade discursiva: Conforme o tipo de resposta esperada, existem tipos diferentes de adivinhas em português, tal como a estafada “Qual a semelhança entre um médico e um copo de água?”¹³, que levam a uma tradução mais idiomática do género textual adivinha, se fossem seguidas: “Qual a semelhança entre um corvo e uma escrivinha?”.

Ou seja, uma tradução literal que não mantenha o género esperado de lengalenga ou adivinha pode não funcionar no texto de destino. Mais uma vez um assunto que pode ser interessante levantar num contexto de ensino, por exemplo pedindo para os alunos sugerirem diversas alternativas e depois compará-las na sala de aula, sobretudo depois de terem lido o clássico por Hofstader (1997).

[3.6] *Atravessando o espelho*

O exemplo anterior leva-nos a terminar este artigo com uma adivinha: Qual é coisa qual é ela, que sem se ver aumenta a nossa visão? E uma adivinha paralela no sentido de que a sua resposta tem de obedecer também à regra «quando é demais, sufoca-nos e transforma-nos». Ajuda: A Belinda Maia é uma das pessoas que mais nos ajudou a compreendê-la (a solução da adivinha).

[4] COMENTÁRIOS FINAIS

Concluindo, pretendemos apresentar uma ferramenta que pode tornar mais fácil ao professor ser mediador entre duas culturas, duas épocas, dois estilos, duas línguas – mas, se os exemplos da Alice são emocionantes, a mesma riqueza se poderá encontrar em traduções técnicas ou de livros de outra índole. Basta que os alunos sejam dirigidos para os casos mais interessantes e pedagógicos no seu domínio. O Ensinador Paralelo é apenas uma ferramenta para ajudar o professor, que aqui dedicamos à Belinda.

[13] Um copo de água mata a secura, um médico se mata não cura.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a Flávia Santos da Silva e a Guilherme Fromm por nos terem facultado os textos da Alice e as suas traduções, e a Jamilly Alvino e a Stella Tagnin pela revisão do seu alinhamento para o CorTrad. Estamos também muito gratos a Signe Oksefjell e a Brett Drury pelos seus comentários pertinentes, que nos permitiram melhorar este capítulo.

REFERÊNCIAS

- Agarwal, Apoorv, Augusto Corvalan, Jacob Jensen & Owen Rambow. 2012. Social Network Analysis of Alice in Wonderland. Em *Proceedings of the NAACL-HLT 2012 Workshop on Computational Linguistics for Literature*, 88–96. Association for Computational Linguistics.
- Araújo, Sílvia, José João Almeida, Alberto Simões & Idalete Dias. 2010. Apresentação do projecto Per-Fide: Paralelizando o Português com seis outras línguas. *Linguamática* 2(2). 71–74.
- Baayen, R. Harald. 2008. *Analyzing Linguistic Data: A practical introduction to Statistics using R*. Cambridge University Press.
- Borge, Inger Christin. 2008. *Matematisk verktøykasse*. Universitetsforlaget.
- Caldas-Coulthard, Carmen Rosa. 1996. A tradução e os problemas da representação da fala. Em Malcolm Coulthard & Patricia Anne Odber de Baubeta (eds.), *Theoretical Issues and Practical Cases in Portuguese-English Translation*, 145–156. The Edwin Meilen Press.
- Chesterman, Andrew. 1998. *Contrastive functional analysis*. Benjamins.
- Ebeling, Signe Oksefjell. 2006. Trivial Corpus Pursuit: An online game that facilitates autonomous learning. Em Susanne Anette Kjekshus Koch (ed.), *Ringer i vann. Fleksibel læring - Kvalitetsreformen i praksis*, 93–104. Fleksibel læring, Universitetet i Oslo.
- Ebeling, Signe Oksefjell. 2009. Oslo Interactive English: Corpus-driven exercises on the Web. Em Karin Aijmer (ed.), *Corpora and Language Teaching*, 67–82. John Benjamins Publishing Company.
- Frankenberg-Garcia, Ana. 1998. Using translation traps to sort out portuguese-english crosslinguistic influence. Em *Proceedings of the 1st Brazilian International Translators' Forum, University of São Paulo*, 26–33.

- Frankenberg-Garcia, Ana. 1999a. Crosslinguistic influence as a key to extracting second language teaching materials for monolingual classes from translation corpora. Apresentação em *Workshop Contrastive Linguistics and Translation Studies: Empirical Approaches*. <http://www.linguateca.pt/Repositorio/Frankenberg-Garcia99.pdf>.
- Frankenberg-Garcia, Ana. 1999b. Using bilingual corpora to produce second language teaching materials. Apresentação em *Symposium on contrastive linguistics and translation studies*.
- Frankenberg-Garcia, Ana & Diana Santos. 2002. COMPARA, um corpus paralelo de português e de inglês na Web. *Cadernos de Tradução IX(1)*. 61–79.
- Gardner, Martin. 1960. *The Annotated Alice: Alice's Adventures in Wonderland [and] Through the Looking Glass*. Bramhall House.
- Hodges, Andrew. 1983. *Alan Turing: The Enigma*. Simon and Schuster.
- Hofstadter, Douglas R. 1997. *Le Ton beau de Marot: In praise of the Music of Language*. Basic Books.
- Maia, Belinda. 2003a. Constructing comparable and parallel corpora for terminology extraction - work in progress. Em Dawn Archer, Paul Rayson, Andrew Wilson & Tony McEnery (eds.), *Proceedings of the Corpus Linguistics 2003 conference (CL2003)*, 485.
- Maia, Belinda. 2003b. The pedagogical and linguistic research implications of the GC to on-line parallel and comparable corpora. Em José João Almeida (ed.), *Corpora Paralelos, Aplicações e Algoritmos Associados (CP3A)*, 31–32. Universidade do Minho.
- Maia, Belinda. 2003c. What are comparable corpora. Em Silvia Hansen-Schirra & Stella Neumann (eds.), *Proceedings of the workshop on Multilingual Corpora: Linguistic Requirements and Technical Perspectives*, 27–34.
- Maia, Belinda. 2006a. Corpora Comparáveis. Material de ensino na *Primeira Escola de Verão da Linguateca*. <http://www.linguateca.pt/escolaverao2006/Corpora/EDV2006Corporacomparaveis.pdf>.
- Maia, Belinda. 2008a. Alice no País das Maravilhas ou as aventuras e desventuras de uma linguista no mundo do PLN. Apresentação no *Encontro Linguateca: 10 anos*. <http://www.linguateca.pt/Linguateca10anos/Apresentacoes/AprMaiaL10.pdf>.

- Maia, Belinda. 2008d. Corpógrafo V4 - Tools for Educating Translators. Em Elia Yuste Rodrigo (ed.), *Topics in Language Resources for Translation and Localisation*, 57–70. John Benjamins Pub. Co.
- Maia, Belinda, Cecília Fróis & Manuel Brito. 2005a. Comparable corpora for studying the evolution of concepts and terms. Apresentação em *International Contrastive Linguistics Conference*.
- Maia, Belinda & Sérgio Matos. 2008. Corpógrafo V4 - Tools for Researchers and Teachers using Comparable Corpora. Em Pierre Zweigenbaum, Éric Gaussier & Pascale Fung (eds.), *LREC 2008 Workshop on Comparable Corpora (LREC 2008)*, 79–82. ELRA.
- Maia, Belinda & Luís Sarmento. 2003a. GC - Integrated Web Environment for Corpus Linguistics. Poster na *Corpus Linguistics 2003 (CL2003)*. <http://www.linguateca.pt/documentos/cl2003.pdf>.
- Maia, Belinda & Luís Sarmento. 2005. The Corpógrafo - an Experiment in Designing a Research and Study Environment for Comparable Corpora Compilation and Terminology Extraction. Em *Proceedings of eCoLoRe / MeLLANGE Workshop, Resources and Tools for e-Learning in Translation and Localisation*, 45–48.
- Maia, Belinda, Luís Sarmento, Diana Santos, Luís Cabral & Ana Sofia Pinto. 2005c. The Corpógrafo - a Web-based environment for corpus research. Poster na *Corpus Linguistics Conference*. http://www.linguateca.pt/documentos/poster_cpgf_cl2005.pdf.
- Matos, Sérgio, Anabela Barreiro & Belinda Maia. 2008. Corpógrafo and NooJ: using linguistic resources to obtain aligned concordances from corpora. Presentation at the *Workshop on Language Resources for Teaching and Research*. <http://www.linguateca.pt/lrtr/MatosLRTR08.pdf>.
- Matos, Sérgio & Belinda Maia. 2008. NooJ and Corpógrafo A New Partnership. Apresentação na *The 2008 International NooJ Conference (NooJ'08)*. <http://www.linguateca.pt/documentos/MatosMaiaNooJ08Slides.pdf>.
- Oliveira, Débora, Luís Sarmento, Belinda Maia & Diana Santos. 2005. Corpus analysis for indexing: when corpus-based terminology makes a difference. Em Pernilla Danielsson & Martijn Wagenmakers (eds.), *Proceedings from the Corpus Linguistics 2005 Conference Series*, vol. 1 1, s/pp.
- Santos, Boaventura de Sousa. 1994. *Pela mão de Alice: o social e político na pós-modernidade*. Edições Afrontamento.

- Santos, Diana. 1997. O tradutês na literatura infantil traduzida em Portugal. Em *Actas do XIII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística (Lisboa, 1-3 de Outubro de 1997)*, 259–74.
- Santos, Diana. 1998b. Punctuation and multilinguality: Reflections from a language engineering perspective. Em Jo Terje Ydstie & Anne C. Wollebæk (eds.), *Working Papers in Applied Linguistics*, 138–160.
- Santos, Diana. 2014c. Kulturforskjeller og hvordan de vises i språk: noen åpenbare og ikke så åpenbare konsekvenser av å snakke et annet språk. Apresentação na Universidade de Oslo. <http://www.linguateca.pt/Diana/download/KultFor.pdf>.
- Santos, Diana & Cristina Mota. 2015a. A admiração à luz dos corpos. OSLa: Oslo Studies in Language, Este volume.
- Santos, Diana, Stella E. O. Tagnin & Elisa Duarte Teixeira. 2012. CorTrad and Portuguese-English translation studies: investigating colours. Em Signe Oksefjell Ebeling, Jarle Ebeling & Hilde Hasselgaard (eds.), *Aspects of corpus linguistics: compilation, annotation, analysis* Studies in Variation, Contacts and Change in English, University of Helsinki.
- Sarmiento, Luís, Anabela Barreiro, Belinda Maia & Diana Santos. 2007. Avaliação de Tradução Automática: alguns conceitos e reflexões. Em Diana Santos (ed.), *Avaliação conjunta: um novo paradigma no processamento computacional da língua portuguesa*, 181–190. IST Press.
- Silva, Flávia Santos da & Guilherme Fromm. 2011. Através do léxico maravilhoso de Alice. *Fronteira Digital* 2. 16–27.
- Silva, Flávia Santos da & Guilherme Fromm. 2012. Alice no País dos Neologismos: um estudo à luz da Linguística de Corpus. *Scientia Translationis* 11. 293–309.
- Simões, Alberto & Diana Santos. 2011. Ensinador: corpus-based Portuguese grammar exercises. *Procesamiento del Lenguaje Natural* 47. 301–309.
- Teixeira, Elisa D., Diana Santos & Stella E. O. Tagnin. 2012. CorTrad: um novo corpus paralelo multiversão para o par de línguas português-inglês. Em Tania Shepherd, Tony Berber Sardinha & Marcia Veirano Pinto (eds.), *Caminhos na Linguística de Corpus*, 151–176. Mercado de Letras.
- Wyler, Lia. 2003. *Línguas, poetas e bacharéis: Uma crônica da tradução no Brasil*. Rocco.

OBRAS LITERÁRIAS MENCIONADAS

Carroll, Lewis. 1865. *Alice in Wonderland*.

Carroll, Lewis. 1871. *Through the Looking-Glass, and What Alice Found There*.

CONTACTOS

Diana Santos
Linguatca e Universidade de Oslo
d.s.m.santos@ilos.uio.no

Alberto Simões
Linguatca e CEHUM, Universidade do Minho
ambs@ilch.uminho.pt